

# PESQUISA E EXPERIÊNCIA: LITERATURA QUE PULSA NO MOVIMENTO DA ESCRITA

*RESEARCH AND EXPERIENCE: LITERATURE THAT PULSATES THROUGH THE  
MOVEMENT OF WRITING*

*INVESTIGACIÓN Y EXPERIENCIA: LITERATURA QUE PULSA EN EL  
MOVIMIENTO DE LA ESCRITURA*

Carla Clauber da Silva<sup>1</sup>

Silvia Sell Duarte Pillotto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas – SP - Brasil.*

<sup>2</sup>*Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC. Docente do Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) – Joinville – SC – Brasil.*

**Resumo:** O presente artigo problematiza a não presença da literatura na escrita acadêmica em pesquisas, especialmente em dissertações e teses. O que se verifica é o silenciamento da literatura, pois se percebe sua utilização apenas como fragmentos poéticos na forma de epígrafes. Esse silenciamento se dá especialmente pelas políticas de linguagem estabelecidas para o registro e legitimação da produção de conhecimento. Portanto, o objetivo deste artigo é evidenciar que a literatura é

uma escolha de escrita e uma experiência que afeta o pesquisador e a própria pesquisa, enquanto se lê, se escreve e se vive. De abordagem qualitativa, o referido texto debruça-se na leitura bibliográfica, dialogando com vários autores/pesquisadores que pensam a literatura como experiência. Dessa forma, a escrita e a leitura apropriadas para este artigo se traduzem em uma escrita ensaiada, uma vez que não se compreende apenas como registro de um conhecimento construído, mas, sobretudo, como experiência que atravessa as problematizações da pesquisa. Com o resultado desse estudo investigativo, pretende-se fortalecer o diálogo para outras possibilidades, entre elas, que a literatura ganhe maior espaço nas políticas de linguagem do mundo acadêmico para além do seu caráter ilustrativo, configurando-se também em conteúdo. Compreende-se, então, que a pesquisa em educação na sua dimensão qualitativa pode também abrigar outros sentidos, significados e experiências, tanto do pesquisador quanto dos seus interlocutores.

**Palavras-chave:** Pesquisa; Literatura; Ensaio.

**Abstract:** This article investigates the absence of literature in academic writing in research, especially dissertations and theses. A silencing of literature is seen, as its use is perceived merely as poetic fragments in the form of epigraphs. This silencing is mainly due to language policies established for the registration and legitimation of knowledge production. The purpose of this article is to show that literature is a writing choice and an experience that affects the researcher and the research itself, as we read, write and live. Based on a qualitative approach, the article focuses on bibliographical reading, dialoging with

authors/researchers that think of literature as experience. Thus, the appropriate writing and reading for this article translate into a rehearsed script, since it is not just a record of a constructed knowledge, but above all, an experience that crosses the research investigations. Based on the results of this investigative study, the aim is to strengthen the dialogue for other possibilities, including that of literature gaining more space in the language policies of the academic world, beyond its illustrative character, configuring its content as well. It is therefore understood that research in education, in its qualitative dimension, can also include other senses, meanings and experiences, for both the researcher and his/her interlocutors.

**Keywords:** Research; Literature; Rehearse.

**Resumen:** El presente artículo problematiza la no presencia de la literatura en la escritura académica en investigaciones, especialmente en disertaciones y tesis. Lo que se observa es el silenciamiento de la literatura, pues se percibe su utilización solamente como fragmentos poéticos en forma de epígrafes. Ese silenciamiento se produce especialmente por las políticas de lenguaje establecidas para el registro y legitimación de la producción de conocimiento. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es poner en evidencia que la literatura es una elección de escritura y una experiencia que afecta al investigador y a la propia investigación, mientras se lee, se escribe y se vive. De abordaje cualitativo, el referido texto se orienta a la lectura bibliográfica, dialogando con varios autores/investigadores que piensan la literatura como experiencia. De esa manera, la escritura y la lectura apropiadas para este artículo se traducen en una escritura ensayada, ya que no se comprende solamente como registro de

un conocimiento construido, sino sobre todo como experiencia que atraviesa las problematizaciones de la investigación. Con el resultado de ese estudio investigativo se pretende fortalecer el diálogo para otras posibilidades, entre ellas, que la literatura gane mayor espacio en las políticas de lenguaje del mundo académico para más allá de su carácter ilustrativo, configurándose también como contenido. Se comprende entonces que la investigación en educación, en su dimensión cualitativa, puede también cobijar otros sentidos, significados y experiencias, tanto del investigador como de sus interlocutores.

**Palabras clave:** Investigación; Literatura; Ensayo.

## INTRODUÇÃO: ABRINDO CAMINHOS PARA A PESQUISA

**P**rofessoras/pesquisadoras que somos, em nossa trajetória profissional e acadêmica desenvolvemos uma relação intensa com a leitura e a escrita. Um processo que nos fez perceber a linguagem como inseparável da vida, contrariando nossas próprias verdades acerca dos paradigmas da ciência moderna. Especialmente, quando compreendemos o exercício do pensamento que acontece na leitura e na escrita ao longo de nossas profissões. Quando sentíamos o efeito da pesquisa em nossos corpos, que caminhava na contramão de uma pesquisa com objetivos, linear e determinante enquanto escrevíamos.

Um processo vivenciado que nos deu a ver o nascimento de outros pensamentos que afetaram a pesquisa, a mudança no modo como escrevíamos e a nós próprias. Escrita e leitura são experiências que retiram o 'eu' de cena e se vive o 'outro de si'. Acontecem na passagem entre a vida e o que se pensa, entre o que se pesquisa e o que se registra.

Essa relação íntima com a pesquisa e a escrita nos fez perceber a potência da literatura na pesquisa. Por isso o objetivo do presente artigo é evidenciar que a literatura como escolha de escrita é uma experiência que afeta o pesquisador e a própria pesquisa enquanto se lê, se escreve e se vive.

Nossa problematização acerca da literatura e da pesquisa será feita aqui por meio do ensaio. Para Larrosa (2003, p. 8), trata-se de uma escolha, uma vez que, para o ensaísta, “a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa, o seu meio de trabalho, mas também o seu problema.” E que aqui será utilizado como um modo de problematizar as políticas de linguagem que se instalam na academia, privilegiando a racionalidade técnica em detrimento de outros modos de pensar os sentidos da pesquisa.

Este artigo traz como base a abordagem qualitativa, entendendo-a como criação, definida por Deleuze e Guattari (1995) como cartografia, um dos princípios do rizoma, que por sua vez é um sistema aberto e não hierárquico, podendo derivar infinitamente, o que possibilita conexões transversais. Ou seja, um jeito de experimentar a escrita que não se limita às convenções.

É uma trajetória que tem em seu corpo o mapa das multiplicidades com infinitas entradas, desmontável e reversível. E que afeta o modo de se fazer pesquisa e de produzir conhecimento, uma vez que a cartografia é um traçado de mapas processuais e que impede uma relação com o objeto de estudo como algo fixo, mensurável e/ou categorizável. A cartografia tem como característica ser coletiva, porque é relacional, política, pois possui critérios e referências e finalmente estética, constituindo-se em um modo de expressão nas relações entre os sujeitos e esses com o mundo.

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 21), “numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo [...] análise das linhas, dos espaços, dos devires”. Trata-se de um mapa que se faz e refaz constantemente, sempre aberto e em movimento, destruindo verdades, representações e referências. Desfiando como uma fiandeira, o escritor fia e desfia o que se pensa, deseja, porque implica “enfrentar, voltar-se, retornar, perder-se, apagar-se” (DELEUZE, 2010, p. 56).

Na escolha da cartografia e do gênero ensaio, assumimos o inacabado da pesquisa, sua provisoriedade, porque o exercício do pensamento é antes de tudo uma experiência com a liberdade, com a contingência e o encontro. Nessa trajetória narramos o ensaio na própria língua como estrangeiro; um diálogo com o gênero e suas possibilidades de viver as palavras que se desdobram em um percurso sem regras, habitando a fronteira e escrevendo à margem. O ensaio potencializa a experiência com a escrita afetando o que se escreve. Vive da investigação poética sobre o mundo, apreendendo os múltiplos acontecimentos.

Na literatura, encontra-se o ensaio, uma escrita que pulsa, experiência que faz do escrever um ato de criação quando se toma a palavra para si não para domá-la, e sim para escutá-la, para viver com ela a vida que nos atravessa em um trajeto que não pode ser fixado *a priori* de modo determinante.

O artigo *“Pesquisa e experiência: literatura que pulsa no movimento da escrita”* é um ensaio que reivindica uma escuta e uma liberdade para a leitura e a escrita que se vive quando se pesquisa. Um encontro com a alteridade que aprende com a estranheza e não se preocupa em decifrar, mas incita o escritor a inventar outros modos de ser e fazer pesquisa.

## ENSAIO: ESTAR NA PRÓPRIA LÍNGUA COMO ESTRANGEIRO

Narramos aqui a nossa aproximação com o gênero ensaio. É difícil precisar em que momento isso aconteceu, talvez nosso gosto particular pela literatura, talvez a monotonia de escrevermos sempre os mesmos textos para o universo acadêmico. Talvez, ainda, de não perceber que havíamos tornado a escrita um hábito ou porque haja acontecimentos que adentram pela fresta do rotineiro, provocando estranhamentos, trazendo perguntas que se perguntam, cavando dúvidas sem pressa de acontecer, e em algum momento sem sabermos explicar o porquê parece que tudo fica diferente.

O ensaio é um lugar de experiências em que o escrever é uma questão de devir, que para Deleuze (2006, p. 11) é “sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido.” Reside em um tempo fora do tempo, em uma língua que não é a nossa língua. Escrever e ler entrelaçam-se no movimento das perguntas, na inquietude.

Uma passagem que se faz pelo cambalear do escritor enquanto desenha contornos, linhas, já que a sonoridade das palavras não se fixa, vive à deriva, em que para Pardo (2004, p. 172) “se converte em um corpo para o qual não temos palavras. E nessa experiência, precisamente porque a palavra recupera seu corpo, nós também recobramos a carne: voltamos a ser densos e sensíveis [...]” É uma escrita que intensifica a curiosidade, pois se escreve para indagar, experimentando perplexidades. Um jogo fictício vivido por quem escolhe se pôr no movimento do pensamento, deslocando-se nos vazios da folha em branco, como nos lembra Clarice Lispector (1992, p. 123):

É maravilhosamente difícil escrever em língua que ainda borbulha, que precisa mais do presente do que mesmo de uma tradição. Em uma língua que, para ser trabalhada, exige que o escritor se trabalhe a si próprio como pessoa. Cada sintaxe nova é então reflexo indireto de novos relacionamentos, de um maior aprofundamento em nós mesmos, de uma consciência mais nítida do mundo e do nosso mundo. Cada sintaxe nova abre então pequenas liberdades. Não as liberdades arbitrárias de quem pretende variar, mas uma liberdade mais verdadeira e esta consiste em descobrir que se é livro. Isso não é fácil. Descobrir que se é livro é uma violentação criativa. Nesta se ferem escritor e língua. Qualquer aprofundamento é penoso. Ferem-se mas reagem vivo.

O ensaio ensaia-se com a experiência sem compromisso com a verdade. E chega sem saber o que dizer, porque no ensaio não se produz uma verdade acerca do mundo, das pessoas nem tampouco uma resposta aos problemas emergenciais ao mundo. Nele, vive-se a veracidade das sensações dos acontecimentos.

É que as palavras que se inscrevem, se desdobram, experimentam-se detalhes ínfimos e o escritor é ele próprio movimento que se ensaia enquanto escreve, vivendo o presente com sua presença, por isso, como afirma Larrosa, não se (2003, p. 11) “escreve de forma atemporal, nem mesmo lê e escreve para todos e para ninguém, mas, sim, para um tempo e para um contexto cultural concreto e determinado.” O ensaio precisa mais de palavras do que situar-se em um tempo cronológico. Ainda sobre esse gênero, Adorno (2003, p. 29-30), no texto “O ensaio como forma”, afirma que:

... a exposição dos conteúdos é o que prevalece, uma vez que não se pode separar o método do objeto, e exige [...] a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual. Nessa experiência, os conceitos não formam um *continuum* de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete. Da densidade dessa tessitura depende a fecundidade dos pensamentos.

O ensaísta, quando escreve, debruça-se sobre a palavra, abrindo novos caminhos, afetando-se com as palavras que escreve, experimentando os efeitos de suas escritas, porque ele não é um escriba da pesquisa, e sim o escritor e leitor, que na percepção de Larrosa (2003, p. 115):

... problematiza a escrita cada vez que escreve e problematiza a leitura cada vez que lê. E porque se preocupa com cada detalhe, que se detém em uma vírgula, horas e horas, alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve e aprendendo a ler cada vez que lê, alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê.

O escritor olha para a palavra como se olhasse para a vida, em que cada detalhe anuncia algo novo e com a potência de ser, pois enquanto escreve atravessa, a fronteira da arte e da ciência, dando a ver seu próprio problema e gerando tensões. É um processo vivido pelo pesquisador, que para Larrosa

(2003) é silenciado pela academia, pois se supõe que a leitura e a escrita já sejam aprendizagens conquistadas.

O ensaio, portanto, é uma das possibilidades de libertar a escrita do mundo acadêmico e devolvê-la à vida que se vive no cotidiano, que se experimenta quando se pesquisa. É romper com as políticas de linguagem impostas pela academia, que encobre a vida da palavra.

## LITERATURA: PALAVRA QUE PULSA

O que pode a experiência da literatura quando se escreve? Poderíamos dizer que literatura é uma experiência com a palavra na qual se vive o outro de nós. As palavras capturam aquele que escreve jogando-o em um outro tempo. Vive-se procurando as palavras não mais por sua gramática, mas antes pela sua sonoridade. Quando se escreve, o que mais se deseja é que as palavras nos encontrem.

A experiência da escrita, portanto, é um acontecimento. As palavras não se fixam e o escritor vive à deriva, ao devir, que para Deleuze e Parnet (1998, p. 10) “é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar.” Isso não a faz inferior, pois uma pesquisa que dialoga com a literatura não transforma o objeto que se pesquisa nem transforma a pesquisa, porque:

... a literatura não é o fato de uma linguagem se transformar em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada com a linguagem; a literatura é um terceiro ponto, diferente da linguagem e da obra, exterior à linha reta entre a obra e a linguagem, que, por isso, desenha um espaço vazio, uma brancura essencial onde nasce a questão “O que é literatura?”, brancura essencial que, na verdade, é essa própria questão. Por isso, a questão não se superpõe à literatura, não se acrescenta a ela por obra de uma consciência crítica suplementar: ela é o próprio ser da literatura originariamente despedaçado e fraturado (FOUCAULT, 2001, p. 141).

Derrida (2005, p. 155) também argumenta que usar a literatura não pressupõe juntar duas áreas de conhecimento e insiste nessa questão por considerar recorrente essa compreensão, afirmando que “[...] jamais tratei de confundir literatura e filosofia ou de reduzir a filosofia à literatura. Presto muita atenção à diferença de espaço, de história, de lógica, de retórica, de protocolos e de argumentação. Tratei de prestar a máxima atenção a esta distinção”.

Para Skliar (2014), há uma forte repressão na escrita acadêmica quando se escreve com palavras próprias e que, quando isso acontece, é comum ouvir que

se trata de literatura, ao que o autor responde afirmativamente. No entanto, adverte que não é somente literatura, explicando que a solicitação de uma escrita pode estar presa à tradição e as racionalidades pedagógicas, mas por oposição o pedido pode ser literário: “tocar o limite da linguagem, tocar suas formas, encravar a metáfora, a imagem, dar voltas ao redor dos instantes para que durem para além do possível” (SKLIAR, 2014, p. 130).

Escrever com palavras próprias, encontrá-las pode nos distanciar de discursos instaurados na academia. Coloca-nos obstáculos ao processar a escritura de uma pesquisa, já que exige certa objetividade que nem sempre é possível explicar de forma assertiva. E mais, exige-se também ocultar a experiência da escrita e da leitura enquanto acontece a pesquisa.

A experiência da literatura em uma pesquisa no mundo acadêmico é perigosa e, muitas vezes, joga o escritor para fora da escrita, forçando-o a abandonar as regras e os padrões. Isso acontece porque, quando se escreve mobilizado pela força poética, há uma necessidade de palavras próprias, não colonizadas, nem assujeitadas aos discursos, ao poder e às políticas de linguagem instaurados na academia.

A experiência com a escrita é de outra dimensão, coloca o escritor em relação ao mundo e à vida. É nesse lugar que se podem criar palavras novas ou, no entendimento de Manoel de Barros (1988, p. 128), “é no povo que as palavras dão os seus primeiros vagidos, seu primeiro estremecer. [...] na boca do povo a palavra está viva e turgesciente. Vem com todos os desejos, com todos os ardumes, com todos os murmúrios”.

Quando a escrita se entrelaça com a pesquisa, não mais se resume em um instrumento que traduz os dados e informa, nem a pesquisa se reduz às metodologias. Elas acontecem no processo, é uma criação que se prolonga desde o momento em que se é atravessada pelo acontecimento.

É muito comum durante o processo de pesquisa os pesquisadores contarem que sonharam com a pesquisa, ou que acordaram durante a noite com uma nova ideia que os fizeram levantar e escrever por medo de esquecer. São acontecimentos que nos chegam e não sabemos explicar o motivo, mas que nos exigem exercitar nosso pensamento. Talvez porque o acontecimento vive no gerúndio, acontecendo. Nas palavras de Derrida (2001, p. 36):

Para corresponder ao nome acontecimento, o acontecimento deveria sobretudo acontecer a alguém, em todo caso a algum vivente, que se encontre afetado por isso,

consciente ou inconscientemente. Não há acontecimento sem experiência (e isso é o que, no fundo, “experiência” quer dizer), sem experiência consciente ou inconsciente, humana ou não, do que acontece ao vivente.

A escrita, para além da investigação, é experimentada como literatura. Quando exercitamos o pensamento na palavra, conectamos com o político e abandonamos a ideologia: experimentamos a variação e a heterogeneidade presentes no mundo. Somos afetados pela escrita que escreve, e “[...] as formas, tanto de conteúdo quanto de expressão, não são separáveis de um movimento de desterritorialização segundo o estado de sua forma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 28).

Não escrevemos sobre as pessoas, sobre os objetos, mas sobre o mundo e para o mundo. Por isso nos tornamos estrangeiros nessa língua, duvidamos do que escrevemos, suspeitamos da escrita porque procuramos “encontrar a língua menor, [...] conquistar a língua maior para nela traçar línguas menores ainda desconhecidas. Servir-se da língua menor para pôr em fuga a língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 51).

Uma escrita que afeta a pesquisa como se houvesse uma escuta afinada, sensível, que se movimenta perguntando. Uma invenção que se realiza por meio dos intercessores e, que para Deleuze (1992, p. 156), são a própria criação, “fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...]. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim [...]”, nos quais é possível conectar pesquisa e literatura.

A escrita experimentada enquanto se pesquisa é rasurada, em que se escreve, apaga, rabisca, acrescenta, se corta, copia, junta, reorganiza sucessivamente, repetidamente, sem nunca ser a mesma escrita, sempre uma outra, a cada vez uma escrita singular. Talvez seja isso o que nos acontece quando pesquisamos: enquanto a pesquisa potencializa o investigador, a literatura nos faz escritores – experimentar a escrita mantendo a tensão entre a ciência e a arte, encontrando em suas fronteiras outras possibilidades de pesquisar. Escrita que se deixa encontrar-se com a literatura, libertando a pesquisa, um momento em que é possível viver a pluralidade do sentido e conversar a partir da contingência sem querer silenciá-la; ouvir a palavra que se escreve sem aprisioná-la em um discurso já elaborado.

## PESQUISA: ESPAÇO PARA OUTRAS RESSONÂNCIAS

O tempo da escrita na pesquisa é um período em que se vive também em solidão. São dias, noites, horas e horas lendo e escrevendo. Movimento que potencializa o exercício do pensamento, distanciando o pesquisador de seu próprio ser, e assumindo a pesquisa e a escrita como objetos pensantes, problematizando-a cada vez que escreve. Um campo de forças que cria um espaço existencial por movimentos de desterritorialização e de reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

A pesquisa é o lugar das experimentações, a folha em branco para o escritor, aquele que se prepara, que está à espreita dos acontecimentos à sua volta, embora sem saber se o encontro acontecerá. Inverte o modelo do método científico, que tem em suas raízes a busca pela verdade, substituindo-o para um modo provisório, inacabado, em vias de se fazer, a cada vez o conhecimento produzido. É o lugar também da experiência.

Larrosa (2004, p. 160) escreve que “a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção” no qual o “sujeito da experiência é um ser que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”.

Viver a pesquisa não significa individualizar-se, separar-se do mundo, mas antes um distanciar-se dele para vivê-lo, atravessar o tempo à espera do encontro com o mundo. Requer conversar a sós com os problemas, com os dados e principalmente com as palavras. Conversa-se com as palavras para ouvi-las, como afirma Larrosa (2004, p. 152), “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos baseando-nos em nossa genialidade, em nossa inteligência, mas valendo-nos de nossas palavras.”

As palavras, no movimento de pesquisa do escritor, não são uma técnica nem mesmo uma ferramenta, mas ele próprio é a palavra. Por isso, “atividades como atender às palavras, criticar as palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são meros palavratório.” (LARROSA, 2004, p. 153).

Talvez seja por isso que, quando se redige uma pesquisa, há a necessidade de ficar em silêncio, adentra-se um outro tempo, difícil de explicar: “e não se pode falar do silêncio como se fala da neve: sentiu o silêncio dessas noites? Quem

ouviu não diz. Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras.” (LISPECTOR, 1980, p. 34).

Na solidão, os excessos desprendem-se pouco a pouco e o que se faz é especular os afetos em uma poética que torna possível apalpar o impalpável, como nos lembra o poeta Rilke (1986, p. 21): “As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou”.

Enquanto o escritor escreve, aprende que as palavras não são dadas, elas exigem o nosso padecimento, a nossa paixão: “a experiência é uma paixão captada pela lógica da paixão, de uma reflexão sobre si como sujeito passional. Deixa-se ser, torna-se dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado” (LARROSA, 2015).

Na escrita, cada palavra é um acontecimento, porque “há neles uma parte que sua realização não basta para realizar, um devir em si mesmo que está sempre, a um só tempo, nos esperando e nos precedendo como uma terceira pessoa do infinitivo, uma quarta pessoa do singular” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 78). O caminho do pesquisador/escritor se faz no caminhar, não há mapas fixos. A orientação se dá pelos efeitos que as palavras produzem em nosso corpo; uma escrita rizomática na qual não há imposição do ser.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o ver ser. [...] reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33).

As palavras abrem um caminho escolhendo seu próprio percurso. Não há começo nem fim, há invenções, porque a escrita na pesquisa se faz território, desdobrando-se em outros, mobilizada pelo desejo da vida e de viver a vida na pesquisa.

## (IN)CONCLUSÕES

O presente artigo evidencia a importância da literatura entrelaçada à pesquisa como experiência que afeta o pesquisador e a própria pesquisa. O ensaio nesse contexto é um gênero que privilegia a conexão entre escrita, pesquisador

e objeto, num campo de forças que atravessam o processo, gerando novos sentidos, outras formas de expressão e de produção de conhecimento.

Nosso artigo se faz em forma de diálogo, que interroga as políticas de linguagem da academia, ensaiando-se na escrita seu encontro com a literatura. Tece um caminho que se faz a cada vez que escreve. Abandona as classificações, categorias e generalizações, pois se detém nos detalhes e pensa a realidade em fragmentos. Um caminho que aproxima o pesquisador da literatura, sem se confundir com ela, pois não se fixa em um método preestabelecido, ainda que seja rigoroso com os conceitos.

Os conceitos apresentados nesse artigo conectam-se ao objeto não de forma dogmática, mas como problematizações que geram novos sentidos, incitam outros pensamentos e solicitam do pesquisador um outro movimento de escrita. Ou seja, uma escrita que persegue as sensações que o corpo produz quando vive o afetamento da pesquisa, relacionando pesquisador e objeto. A escrita torna-se uma bússola que ajuda o escritor a encontrá-la em sua sonoridade, em seus movimentos e sentidos.

Com base nas questões aqui problematizadas, é urgente pensar em políticas de linguagem que abram espaços para a presença da literatura e do gênero ensaio nas pesquisas para além da sua forma. Uma escolha autorizada aos pesquisadores para tê-los presente em suas pesquisas nos processos que envolvem conceitos, métodos e metodologias.

O resultado deste estudo investigativo, que trilhou na leitura de autores, mas também de nossas experiências na educação, aponta a urgência do fortalecimento do diálogo entre academia e pesquisadores, na compreensão do grande potencial da inclusão da literatura nas pesquisas, permitindo outras possibilidades de escrita – a do ensaio, por exemplo.

A pesquisa em educação na sua dimensão qualitativa pode também abrigar outros sentidos, significados e experiências, tanto do pesquisador quanto dos seus interlocutores, especialmente se as políticas de linguagem do contexto acadêmico não se intimidarem e acolherem percursos outros e outros pensares.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. ensaio como forma. *In*: \_\_\_\_\_ **Notas de literatura**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Oliveira. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2003.

BARROS, Manoel. Escritos para el conocimiento del suelo. **El Paseante**, Madrid, n. 11, p. 124-135, 1988. Entrevista concedida a Carlos Emílio Correa Lima.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: \_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 2006.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Perbart. São Paulo: 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DERRIDA, Jacques. Notas sobre desconstrucción y pragmatismo. In: \_\_\_\_\_. **Desconstrucción y pragmatismo**. Compilado por Chantal Mouffe. Buenos Aires: Paidós, 2005.

\_\_\_\_\_. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault** – estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 219-242. (Ditos & Escritos. v. III).

LARROSA, Jorge. **Tremores** – escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes; João Wanderley Gerald. – 1ª Ed, Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte, 2004.

\_\_\_\_\_. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul-dez. 2003.

LISPECTOR, Clarice Sobre o conceito de vanguarda. **Remate de males**, Campinas, n. 12, 1992.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem, ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PARDO, José Luis. L. Carne de palavras. In: LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

SKLIAR, Carlos Bernardo. **Desobedecer a linguagem: o educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

*Artigo recebido em: 30/12/2016*

*Aprovado em: 19/04/2017*

**Contato para correspondência:**

Carla Clauber da Silva. *E-mail:* carlaclauber@hotmail.com